



**CULTURA CANÁBICA E VISIBILIDADE ONLINE: REFLEXÕES SOBRE A
MACONHA NA INTERNET**

Lucas Pereira Guedes¹ – Universidade de Brasília
Cláudia Linhares Sanz² – Universidade de Brasília

Resumo:

A proposta deste artigo é apresentar uma reflexão inicial sobre como a imagem da maconha e os demais processos que envolvem a “cultura canábica” se configuram na internet em um contexto neoliberal. Busca questionar a infinidade de contradições que envolvem o atual regime de visibilidade e toda a criação de narrativas, estéticas, tensões e imaginários que se constroem em torno da planta a partir de imagens na internet a fim de pensarmos quais implicações estão envolvidas neste processo na contemporaneidade.

Palavras-chave: Maconha. Visibilidade. Contemporaneidade

Abstract:

The purpose of this article is to present an initial reflection on how the image of marijuana and the other processes that involve “cannabis culture” are configured on the internet in a neoliberal context. It seeks to question the infinity of contradictions that surround the current visibility regime and all the creation of narratives, aesthetics, tensions and imaginaries that are built around the plant from images on the internet in order to think about what implications are involved in this process in contemporaneity.

Keywords: Marijuana. Visibility. Contemporaneity

1. Introdução

Estudos sobre a maconha no Brasil têm levantado diversas questões que atravessam muitas áreas do saber, embora sejam, na maioria das vezes, relacionadas à saúde e ao direito. No que diz respeito ao estudo da planta do ponto de vista medicinal, são abordados seus efeitos, componentes e variações. Na área jurídica, fala-se de questões que envolvem leis,

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (PPG/FAC/UnB), linha de pesquisa: "Imagem, Estética e Cultura Contemporânea". Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Especialista em Mídia, Informação e Cultura pela Universidade de São Paulo (Centro de Estudos Latino Americanos de Cultura e Comunicação - CELACC-USP). Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Cruzeiro do Sul. Membro do grupo de pesquisa "Imagem, Tecnologia e Subjetividade" (CNPq). emaildolucasguedes@gmail.com.

² Pós-doutora no Zentrum für Literatur-und Kulturforschung (ZfL), em Berlim. Líder do grupo de pesquisa Imagem, Tecnologia e Subjetividade, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), professora e pesquisadora da Pós-Graduação em Comunicação também da UnB. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com pesquisa no Instituto Max Plank de História da Ciência em Berlim. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF; Pós-Graduada em Fotografia pela Universidade Cândido Mendes; jornalista graduada pela UFF. claudialinharessanz@gmail.com.



(Re)ocupar e (re)existir

9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

incluindo a discussão sobre a legalização para fins medicinais, mas também para uso social e adulto. Há ainda pesquisas no campo da antropologia, da história, da sociologia e da comunicação, que tratam de questões socioculturais. Além do âmbito da academia, a maconha tem sido cada vez mais uma pauta de discussões na imprensa nacional e obtido crescente visibilidade nas redes sociais da internet por meio de usuários da planta, de associações de pacientes, da indústria farmacêutica, de tabacarias, de lojas e empresas startups, muitas delas recém-criadas, seguindo modelos de negócio importados de regiões onde o uso é legalizado ou regulamentado. Mas também é perceptível o aumento do número de pessoas que cultivam e praticam o uso social da planta, fazendo questão de mostrar nas redes sociais.

Primeiramente, há duas hipóteses principais e intrinsicamente relacionadas que respondem à essa maior abertura dos meios de comunicação ao tema da maconha, acostumados a uma abordagem muito mais jurídica e repressiva, especialmente em relação a crimes como o tráfico e a posse de drogas: a tramitação de projetos de lei que autorizam o cultivo em solo brasileiro para consumo próprio e um promissor mercado legalizado com forte potencial econômico. Há uma série de contradições que envolvem o uso da maconha no Brasil, sobretudo relacionadas às classes sociais, em que fatores como raça acabam por determinar quem vai ou não ser preso. Enquanto isso, o mercado canábico relacionado à importação de óleo para tratamento de diversas doenças, por exemplo, movimenta milhões de reais a partir da venda de medicamentos autorizados e vendidos por farmácias e associações de pacientes.

As ideias centrais deste ensaio visam trazer uma reflexão sobre como a “cultura canábica” se configura na internet em um contexto neoliberal, quais implicações estão envolvidas neste processo na contemporaneidade e quais são os efeitos no sujeito contemporâneo a partir da visibilidade. Iniciamos, então, uma reflexão sobre um fenômeno em que a maconha, mesmo considerada uma droga ilegal perante a lei brasileira, tem sido apropriada como moeda de visibilidade dentro de um contexto neoliberal.

Consideramos que a imagem do que é proibido passa a ser veiculada e legitimada por motivações distintas, pensando ainda este fenômeno como um dos possíveis sintomas das transformações que a conversão do neoliberalismo faz nas relações humanas, ressaltando a figura do “influenciador canábico” neste cenário. Assim, há pelo menos dois conceitos



importantes em torno da visibilidade que transitam durante essa pesquisa³: o primeiro, é o sentido mais óbvio, a visibilidade ligada ao espetáculo, como aquilo que conseguimos quando nossa imagem circula na rede e vinculada às imagens visuais que aparecem, aquela que é quantificada e que hoje autentica a existência de pessoas, verdades e acontecimentos (HEINICH, 2021). Mas existe um outro sentido de visibilidade, mais amplo, que não se restringe a essa economia das imagens visuais. Algo que, segundo Foucault (1978), é anterior aos enunciados. Trata-se da condição de possibilidade para certos objetos aparecerem como temas do saber, como objetos de conhecimento, como elementos das dinâmicas do governo de condutas em determinadas épocas.

2. Cultura canábica e visibilidade

Escondida no banheiro de sua casa, uma mulher idosa assiste a um tutorial em vídeo no celular, em que um influenciador canábico ensina como enrolar um cigarro de maconha. Ela é uma senhora rica, casada, mãe de um jovem empreendedor e sócio do Empório Maria Joana, uma loja que vende maconha num bairro de classe alta em São Paulo. Sentada, com o smartphone apoiado nos joelhos e a maconha e a seda nas mãos, ela não perde nenhum movimento de seu instrutor na tela do celular, ao mesmo tempo em que tenta confeccionar o que, segundo seu filho, vai fazê-la sentir-se melhor em relação aos efeitos colaterais de sua quimioterapia. “Agora vou fumar”, diz a personagem com o cigarro já pronto, ainda que bem diferente do resultado descrito pelo influenciador, que termina o vídeo desejando aos espectadores uma “boa viagem”. De pé, dentro do box do banheiro, o som do isqueiro com que ela acende o cigarro coincide com o início de uma música psicodélica.

Ela tosse, tal qual uma adolescente que experimenta, sem prática, um cigarro qualquer pela primeira vez. Em seguida ri, volta a tossir e fuma, repetindo este ato diversas vezes, enquanto seu semblante exprime uma imagem de puro prazer e felicidade, como se um simples trago fosse capaz de devolver o bem-estar roubado pelo câncer. Ao mesmo tempo, à medida que o som da trilha sonora vai aumentando de volume, o cenário do banheiro esfumaçado é intercalado com a imagem de seu filho comemorando com os sócios a recuperação de um montante considerável de erva que havia sido confiscada injustamente por um fiscal corrupto. Eles cantam e gritam juntos: “Maconha! Maconha! Maconha!”.

³ O artigo baseia-se nas análises iniciais para escrita do primeiro capítulo de tese em andamento na Universidade de Brasília.



(Re)ocupar e (re)existir

9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

A cena acima descrita faz parte do quarto episódio da primeira temporada da série brasileira Pico da Neblina (PICO..., 2019), obra que apresenta as tensões que surgem entre diversas figuras envolvidas dentro da cultura canábica numa São Paulo utópica em que a legalização do uso adulto da maconha é aprovada. Maconheiros, empresários, traficantes, políticos, usuários, cultivadores e entusiastas da causa aparecem sempre em uma disputa de narrativas em que a maconha é o objeto que os une e os separa, sobretudo quando o que está posto é o dinheiro. Embora a imagem do influenciador canábico não seja central na série, vídeos como o qual a senhora com câncer assiste escondida no banheiro e outros dedicados especificamente a conteúdos ligados à maconha acumulam milhões de visualizações na internet, sobretudo nas plataformas criadas especificamente para o compartilhamento de vídeos, como o YouTube, mas que no decorrer dos anos vem ocupando cada vez mais espaço em aplicativos como o Instagram, ainda que qualquer conteúdo exposto possa gerar a exclusão da conta e até prisão, caso os esquemas de análise e escaneamento do conteúdo configure, por exemplo, apologia às drogas.

Dentro deste contexto, as redes sociais na internet acabam se tornando um campo fértil para a reprodução desmedida da figura do influenciador digital, uma espécie de atualização do que, em outros meios mais tradicionais como a televisão, poderia ser considerado o garoto ou garota propaganda, um ator ou uma atriz que tem sua imagem associada a determinado produto a fim de inspirar outras pessoas ao consumo. Além de despertar o desejo pelo uso do produto, o influenciador se difere do ator à medida que tem o dever não apenas de inspirar a compra, mas que precisa ser a cara do produto, deve usá-lo, demonstrá-lo, mostrar que é bom e, assim, influenciar pelo exemplo, a partir da interação de sua imagem com o público. Para que a comunicação entre público e influenciador seja efetiva, é necessário, antes de tudo, que plataformas como o Instagram criem estratégias que façam com que usuários comuns e marcas se conectem e que mantenham tais estratégias sempre em processo de atualização.

As nuances das imagens apresentadas durante os episódios de Pico da Neblina nos interessam, primeiramente, pois apresentam sinais de como a maconha enquanto uma espécie de moeda de visibilidade é percebida nas personagens principais ao ultrapassar o discurso do uso medicinal, usado muitas vezes apenas como estratégia para uma futura liberação integral e irrestrita. De pronto, partem para a exposição de uma suposta realidade que leva em consideração as aflições que se dão no confronto das relações entre traficantes contrários a legalização, políticos interessados em propinas, investidores sedentos por juros,



(Re)ocupar e (re)existir

9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

usuários endinheirados e felizes que podem comprar sua própria ganja de qualidade na loja da esquina sem o risco de serem presos por isso. A própria imagem que abre a série, quando mostra, ao vivo, o resultado da votação de parlamentares transmitida na TV de um bar cheio de traficantes prestes a assistirem ao possível início do fim de seu trabalho, contrasta com as imagens dos fogos de artifício do bairro de classe média que comemora a decisão.

Embora possam variar, algumas práticas relacionadas à cadeia de produção da maconha nos permitem identificar certos grupos sociais nesse movimento, sobretudo ao levarmos em consideração as redes sociais da internet como a principal ferramenta de difusão de imagens que mantém a base do que se convencionou chamar de “cultura canábica” (GROWROOM, 2002), termo antes utilizado para tratar do processo do cultivo e atualmente apropriado pelo mercado para nomear o conjunto de políticas, instrumentos, rituais, hábitos, técnicas e uma série de processos de construção de sentido em torno da maconha em suas diversas possibilidades de uso que, embora possam variar conforme aspectos temporais e geográficos, nos fazem identificar certos grupos sociais que fazem parte dessa cultura.

No caso desse debate, a intenção é aproximar o termo à uma perspectiva da internet, portanto, “cultura canábica na internet”, a fim de tentar buscar compreender a infinidade de contradições que envolvem toda a criação de narrativas, estéticas, tensões e imaginários que se constroem em torno da planta a partir de textos e imagens na internet. Para entendermos melhor os traços dessa cultura, buscamos analisar como as redes sociais colaboram para a criação e exposição de certas narrativas a partir das experiências do sujeito contemporâneo na internet, de que maneira os discursos proibicionistas de políticas sobre drogas foram construídos e comunicados ao longo da história até os dias atuais, configurando possíveis regimes de verdade e como tais discursos interferem nas opiniões e decisões da sociedade.

Um caso recente que chamou atenção da imprensa e das redes sociais foi a festa de aniversário do rapper Filipe Cavaleiro de Macedo da Silva Faria, mais conhecido como Filipe Ret (RET, 2012), em uma casa de shows na zona sul do Rio de Janeiro, em junho de 2022. Quem circulava pela festa, retirava a maconha de dentro de um balde e oferecia aos convidados era o próprio aniversariante, no evento que ficou conhecido pelos fãs do cantor como Open Beck, em alusão às festas Open Bar, onde o acesso a bebidas é ilimitado ou incluso no valor de um convite, caso o evento seja pago. Nesse caso, o beck, assim como “Ret”, é um dos inúmeros termos atribuídos à maconha (Cannabis Sativa) (MASUR, 1993),



(Re)ocupar e (re)existir

9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

nome este que pode variar de acordo com o tempo histórico, a região geográfica, classe social, mas também serve para facilitar as transações de compra e venda.

Cigarrinho de artista, baseado, ganja, cone, erva, bagulho, fininho, marafa, chá, banza, marola, tacape, marijuana. Não demorou nem uma hora até que as imagens da cena de Filipe com seu balde cheio de maconha, registradas tanto pelo rapper, como pelas outras pessoas que estavam na festa, tomassem conta das redes sociais na internet – e nos dias seguintes, da imprensa – ativando um ciclo reprodução e compartilhamento muito rápido e comum a um regime de visibilidade contemporâneo que privilegia, entre outras questões, uma convocação à superexposição do indivíduo, mesmo em casos como estes em que o uso da maconha no Brasil seja legalmente proibido, uma vez que é considerada pelo Estado como uma planta que contém substâncias ilícitas na atual Política Nacional sobre Drogas (BRASIL, 2021).

Dias depois, o rapper foi preso após uma busca comandada pela Delegacia de Repressão a Entorpecentes e a operação foi filmada por uma equipe de imprensa (RAPPER..., 2022). O caso repercutiu nas redes sociais e movimentou com intensidade não apenas a cena canábica na internet, mas os principais programas de televisão e jornais, sobretudo os mais sensacionalistas. Como resposta, o rapper gravou e postou um vídeo nos stories do Instagram, onde explicou a situação aos seus seguidores e aproveitou o engajamento e a audiência obtida após a repercussão do caso para divulgar o seu trabalho: “Aproveitando esse hype que me deram, quero anunciar meu novo single ‘Fudendo Fumando Maconha’, que será lançado semana que vem” (FILIPE..., 2021).

Também no Rio de Janeiro, um mês antes da festa de Ret, as imagens que circulavam nas redes sociais eram as de vinte e três pessoas ensanguentadas nas ruas da Vila Cruzeiro, zona norte da cidade, assassinadas após a operação de agentes do Batalhão de Operações Especiais (Bope) da Polícia Militar, da Polícia Federal e da Polícia Rodoviária Federal, com apoio de carros blindados, fuzis e de um helicóptero. “Dá uma força aqui na matinha, meus amigos. Muita polícia no mato”, dizia uma das mensagens encontradas em um dos celulares das pessoas mortas, referindo-se a um pedido de ajuda em meio a invasão da polícia na região. Embora a polícia afirme que agiu em defesa do batalhão, nenhuma pessoa foi presa, as escolas e os hospitais do bairro fecharam temporariamente e o comércio funcionou parcialmente naquele dia. Nenhum policial foi morto.

O motivo da operação que culminou na terceira chacina mais letal da história do Rio de Janeiro, segundo as autoridades estaduais envolvidas, era concluir uma investigação de



(Re)ocupar e (re)existir

9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

roubo de cargas e veículos, mas o que se sabe, além disso, é que a ação representa uma resposta da polícia ao tráfico de drogas estruturalmente praticado na região, comandadas por facções como o Comando Vermelho e o Comando Puro, que somam-se as dezenas de outras chacinas ocorridas no Brasil em nome de uma suposta guerra às drogas cujo endereço e a raça são evidentes em qualquer análise inicial em que pessoas negras e periféricas são os principais alvos de assassinato ou encarceramento. Mas além desse pressuposto que indica um projeto de extermínio de uma determinada população (no Brasil, das pessoas negras, no Estados Unidos, dos imigrantes mexicanos e negros, por exemplo), há o indício de que o status social, financeiro e de visibilidade marcam de forma hierárquica a posição que o sujeito ocupa na sociedade, também é deliberativo quando tenta-se definir quem pode ou não usar ou comercializar drogas, ou seja, para quem a maconha é legalizada e para quem não é.

Os becks grátis de Filipe Ret e o assassinato em massa na Vila Cruzeiro têm uma relação próxima entre si não apenas no que diz respeito ao consumo de drogas, mas também se consideramos as redes sociais na internet como uma ferramenta que escancara uma série de contrastes à medida que promove, por um lado, a naturalização do uso de uma substância proibida como a maconha e, por outro, a discussão sobre os limites entre o discurso proibicionista e a construção de normas que compõe ideias favoráveis ao uso irrestrito da maconha para uso adulto. A partir dessas questões surge uma certa confusão mantida até os dias de hoje no senso comum a respeito dos termos que categorizam o uso da maconha como medicinal ou recreativo, reafirmando a binariedade entre permitido e proibido, reduzindo a discussão sobre a maconha. Assim, termos que parecem abranger de forma mais inclusiva e assertiva essas questões são as expressões ‘uso social’ ou “uso adulto” de maconha, predominantemente relacionados ao hábito de fumar, mas que nos possibilita, por sua vez, realizar uma análise menos condicionada à economia das drogas e mais próxima de como o mercado se apropria da maconha o do sujeito maconheiro.

Quando observamos a cena de um rodízio de maconha numa festa e acompanhamos quase que diariamente a aprovação de medicamentos à base da planta para tratamento de doenças dentro do território brasileiro, poderíamos vislumbrar, a grosso modo, a imagem da legalização já instaurada. Embora a maconha seja composta por muitas substâncias diferentes, as mais comentadas são o tetra-hidrocarbinol (THC), canabinoide com propriedades psicotrópicas e o canabidiol (CBD), substância que não “dá barato” e pode atuar como auxiliar no tratamento de doenças. Tanto o THC como o CBD, assim como



outros canabinoides, podem ter potencialidade terapêutica, mas a forma como são usados vai definir se essa prática é ou não criminosa.

3. Considerações finais: Maconha e visibilidade como resistência

A possibilidade de conviver em um ambiente virtual, onde era possível passar o dia inteiro percorrendo uma timeline repleta de imagens cotidianas e textos autobiográficos de conhecidos e desconhecidos foi um dos motivos pelos quais sugere-se que as redes sociais passaram a fazer parte da vida das pessoas. Tão interessante como assistir a esse show da vida cotidiana, é integrar-se a ela, transitando de um papel de espectador para diretor de si, acionando o “eu narrador”, o “eu” que Paula Sibilia (2016) vai chamar de tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem. Esse eu tríplice atualmente ganha contornos talvez ainda mais complexos, como se além de autor, narrador e personagem, fosse acoplada a noção de gerente-produtor ou até mesmo de dono, do qual é esperado um desempenho que vai além do simples relato, pois em si, o relato é apenas mais um entre tantos, considerando a amplitude de uma rede social na internet. Ou talvez nem se trata dessa noção ter sido incluída ao longo da evolução das tecnologias digitais, mas tenha ganhado mais destaque, saindo de um papel de bastidor para ser protagonista.

Entre diversos influenciadores digitais que produzem conteúdo canábico, destacamos Natália Noffke⁴, conhecida como Nah Brisa, que é considerada a primeira youtuber/blogueira canábica do Brasil (com mais de 206 mil inscritos no canal no YouTube e 92 mil seguidores no Instagram), atuante na internet desde 2011, quando publicou seu primeiro vídeo. Em um de seus vídeos⁵, Natália basicamente ensina como fazer um cigarro de maconha, enquanto levanta questões sobre o proibicionismo e estabelece relações entre drogas lícitas e ilícitas. Se no início de seu canal, os vídeos se dedicavam mais a abordar, às vezes de forma cômica, questões cotidianas sobre o uso social da maconha (“Como não queimar o dedo com a ponta”, “Maconha deixa brocha?”, “Velhinhos maconheiros”), com o tempo os conteúdos passaram a ter também enfoques políticos com discussões mais profundas sobre legalização e uso responsável.

Aqui vale pensar que, no caso da trajetória de dez anos de atuação do Canal de Natália, que inclui sua prisão (gravada e transmitida pela internet), coincide com um período que o mercado tem chamado de pré-legalização, justamente quando há também um aumento

⁴ Perfil público da página do Instagram. Disponível em <https://www.instagram.com/nahbrisa/>

⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ij5o66S-sfE>



(Re)ocupar e (re)existir

9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

significativo de canais de comunicação especializados no tema que, por sua vez, tem seu conteúdo replicado nas redes sociais. Uma outra postagem⁶ mostra Natália feliz com seu cigarro de maconha, enquanto a legenda diz: “Palosa quem?”, usando um termo comum da Cultura Canábica que é “dar pala”, ou seja, evidenciando sem querer alguma coisa que desejaria ocultar. Em seguida, a influenciadora diz que todos os acessórios exibidos na imagem estão à venda em sua loja. Em outro vídeo⁷ ela aparece sendo presa e a legenda diz: “3 motos, 1 viatura e 5 policiais para algemar uma menina de 1,65m que portava pouco menos de 2 gramas de maconha. Quanto dinheiro desperdiçado numa ação inútil, burra e autoritária?”. Ainda em tom de denúncia, Nah Brisa continua: “Quantos crimes estão sendo cometidos enquanto todo esse aparato se deslocava para deter essa perigosa meliante que vos fala? Quem saiu ganhando com isso? A cidade está mais segura porque meu baseado bolado foi apreendido?”

Como forma de resistência, a influenciadora ainda traz exemplos estrangeiros: “Tantos países legalizados e lucrando bilhões com essa planta e nossos guardas exibindo orgulhosos uma apreensão medíocre”. Em seguida, reconhece seu privilégio enquanto “mulher branca em um bairro nobre”, faz denúncias de assédio e constrangimento e finaliza: “Eles podem até tentar, mas jamais irão nos calar”. “Se a intenção era me parar, saibam que só me deram mais vontade de lutar”. Estes são alguns dos exemplos que mostram como a Cultura Canábica pode ser diversa e ao mesmo tempo confusa, quando a influenciadora traz, em uma só imagem, questões sobre ativismo, gênero, raça, negócios, lucro, legalização, assédio, etc.

Ao mesmo tempo em que a história do proibicionismo, acarretada ainda por questões ligadas ao combate de conservadores às tradições religiosas oriundas de alguns países da África, tenha gerado uma constante violação de direitos, um aumento da violência e das mortes ligadas à ação policial e um crescente encarceramento em massa sobretudo de corpos negros, certos movimentos sociais de luta por direitos humanos passaram a incluir em suas pautas aspectos relacionados à legalização da maconha.

Nas redes sociais da internet, a militância dentro da cultura canábica por direitos tem sido relacionada diretamente à questão da saúde, numa esfera macropolítica, capitaneada principalmente por profissionais das áreas médicas (pela comprovação científica) e jurídicas (pela formulação de leis), mas também, numa esfera micropolítica, que vai ter na linha de

⁶ Disponível em <https://www.instagram.com/p/CTF6J9bIEwz/>

⁷ Disponível em <https://www.instagram.com/p/CIIAOp6lbGW/>



(Re)ocupar e (re)existir

9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

frente os usuários, associações de pacientes, cultivadores e jardineiros, educadores e grupos regionais de ativismo, como é o caso das Marchas da Maconha. Invariavelmente, tais grupos estão ligados a um pensamento político de direitos igualitários e justos e menos moralistas, uma vez que, mesmo sendo proibida, a maconha acaba sendo um privilégio de quem tem não apenas dinheiro para comprar, mas também um resguardo jurídico em caso de busca e apreensão, por exemplo.

Na esfera do combate macropolítico, como sinaliza Suely Rolnik (2018, p. 97), tais lutas se respaldam em uma crença de igualitarismo reduzida ao sujeito e orientada pelo inconsciente colonial-capitalístico que denega o embate entre o plano das forças e sua relação com o plano das formas que é muito significativo no contexto neoliberal. Por muitas vezes, o que observamos é uma disputa de poder político e comercial em torno da maconha em que o lucro torna-se o principal objetivo. Por outro lado, temos percebido que muitas das experiências do sujeito maconheiro acabam sendo pautadas pela questão da desigualdade, do combate a desinformação e da luta por uma política de drogas que envolva não só os setores econômicos, mas também a sociedade civil na discussão. Assim, entre as diferentes esferas da visibilidade, as imagens da maconha na internet que vemos circular pela rede nos dias atuais sugerem uma atuação que vai ao encontro do sistema neoliberal, ao serem expostas de maneira a atender um mercado que valoriza as aparências e o reconhecimento social, mas que ao mesmo tempo, integram dinâmicas de transgressão, resistência e luta, possibilitando que tais imagens ganhem sentido estético e político.

4. Referências

ACENDE, puxa, prende e... arrotta? (tutorial). 1 vídeo (13 min. 11 seg.). Publicado pelo canal Nah Brisa. [S. l.: s. n.], 31 jul. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ij5o66S-sfE>. Acesso em: 30 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. A Política Nacional Sobre Drogas. **Gov.br**, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-protecao/politicas-sobre-drogas/a-politica-nacional-sobre-drogas>. Acesso em: 30 mar. 2023.

BRIGHENTI, Andrea Mubi. **Etnografia e pesquisa qualitativa**. Bologna: Società editrice il Mulino, 2008.

CARDOSO, A J. C. **A ideologia do combate à maconha: um estudo dos contextos de produção e desenvolvimento da ideologia do combate ao consumo de maconha no Brasil**. 1994. Dissertação (Mestrado em Medicina) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994.



(Re)ocupar e (re)existir

9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DÓRIA, José Rodrigues da Costa, **Maconha**: coletânea de trabalhos brasileiros, 2. ed. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do IBGE, 1958.

DUTRA, Daniele. “Open beck”: Filipe Ret é investigado por tráfico de drogas em festa. **Metrópoles**, 30 jun. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/openbeck-filipe-ret-e-investigado-por-trafico-de-drogas-em-festa>. Acesso em: 30 mar. 2023.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Genealogia, comunicação e cultura somática. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 163-178, jan./abr. 2013.

FILIPPE Ret se pronuncia após ser preso. 1 vídeo (2 min. 1 seg.). Publicado pelo canal Rap 24 Horas TV BR. [S. l.: s. n.], 22 jan. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-en_t-wfVCM. Acesso em: 30 mar. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. Entrevistado: B. Gallagher, A. Wilson. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. **Revista Verve**, n. 20, 2011.

GROWROOM. **Fóruns**. 2002. Disponível em: <https://www.growroom.net/board/>. Acesso em: 11 set. 2022.

HEINICH, Nathalie. Da visibilidade: excelência e singularidade em regime midiático. Tradução: Diogo Silva Corrêa. **Labemus**, 5 maio 2021. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2021/05/05/resumo-de-de-la-visibilite-excellence-et-singularite-en-regime-mediatique-por-nathalie-heinich/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

LOPES, Léo; ARAÚJO, Thayana; SALEME, Isabelle. Polícia faz buscas na casa do rapper Filipe Ret após festa “open beck”. **CNN Brasil**, São Paulo; Rio de Janeiro, 19 jul. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/policia-faz-buscas-na-casa-do-rapper-filipe-ret-apos-festa-open-beck/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

MASUR, Jandira; CARLINI, Elisaldo. **Drogas**: subsídios para uma discussão. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MOREIRA, Erika Macedo. **A criminalização dos trabalhadores rurais no polígono da maconha**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas e Sociais). - Centro de Estudos Gerais, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.



(Re)ocupar e (re)existir

9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

NOFFKE, Natália. **3 motos, 1 viatura e 5 policiais para algemar uma menina de 1,65m que portava pouco menos de 2 gramas de maconha** [...]. @nahbrisa. [S. l.], 9 dez. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIAOp6lbGW/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

NOFFKE, Natália. **PALOSA QUEM? EU?** [...]. @nahbrisa. [S. l.], 27 ago. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTF6J9blEwz/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

NOFFKE, Natália. **Perfil no Instagram**. @nahbrisa. [S. l.], ago. 2013. Disponível em: <https://www.instagram.com/nahbrisa/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

RAPPER Filipe Ret é alvo de operação no Rio de Janeiro. 1 vídeo (2 min. 27 seg.). Publicado pelo canal Band Jornalismo. [S. l.: s. n.], 19 jul. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YAcL_wY1OTk. Acesso em: 11 set. 2022.

RET, Filipe. **Perfil no Instagram**. @filiperet. [S. l.], jun. 2012. Disponível em: <https://www.instagram.com/filiperet/>. Acesso em: 11 set. 2022.

SAAD, Luísa. **Fumo de negro: a criminalização da maconha no pós-abolição**. Salvador: EDUFBA, 2019.

SIBILIA, Paula. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 17, n. 3, p. 353-364, 2015. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/c7b5/565b8047ae3dafa21c94d22e011b231c3064.pdf?_ga=2.267406028.392845720.1662999870-837671520.1662999870. Acesso em: 12 mar. 2023.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TOREZANI, Julianna Nascimento. **As selfies do Instagram: os autorretratos na contemporaneidade**. [S. l.]: Editus, 2022.